

# O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 9

## O DOIDO

HONTEM, NÃO É HOJE.

É chefe de um partido o sr. Antonio do Rego Faria Barbosa, actual administrador deste concelho, assim como já o era antes de o ser.

Deputado ás cortes, presidente da camara, (de quem a actual é filha) e com tantos outros titulos, que o ennobrem e honram, só estava reservado para a *Lei e Ordem*—descredito e deshonra d'esta terra—chamar-lhe *doido e internacionalista*.

*Doido*, um delegado do governo!—*internacionalista*, o acerrimo perseguidor dos ladrões!—não pode ser!—aqui, anda pensamento reservado!... *a soalheira das vidas privadas*;—*a profunadora dos tumulos, quer desacreditar para melhor poder pescar nas agoas turvas!*

Nada d'illusões!—rasge-se o veo!—a hydra levante a cabeça, e innocule o veneno, á quem lhe deu o ser!

Diga—nada de receios... seja franca uma vez—para onde vai a *montesinha*?—quer o emprego ou só o descredito do sr. administrador do concelho?

A que epocha chegamos!—porque meios tão nefandos se querem conseguir os fins!—hontem, rojados aos pés do sr. Faria Barboza, chamando-lhe seu bemfeitor!.. hoje... esquecidos... sofregos, cospem-lhe as faces, porque já veem, ante o tumulo, a sepultura aberta!—*senectus est morbus!*—tambem tu, *deditus naturae?*—*bis mori!*

A *maldicta* bem sabe, que o sr. Faria Barbosa foi editor responsavel do *Barcellense*, e que dous annos e meio dão prova bastante para ter confiança no seu redactor.

Sabe mais a *perjura*, que no verdor dos annos, o sr. Faria Barbosa confiou-lhe a sua honra, que alguns estimam em mais que a propria vida,—e que, orgulhoso, no banco dos réos se assentava para defender d'aquelle as doutrinas, que, embora não fossem suas, com ardor professava.

A *perfida* conhece tudo isto, e que a affronta cuspida na frente do redactor do *Barcellense*, recalhe, como outr'ora, primeiro, no seu editor; mas folga com a deshonra, porque lhe parece vêr n'ella o seu adversario.

A *tygrina*, para qualquer lado que olhe vê sempre, na frente, o seu chefe; esconde a mão, mas não recua, pelo gozo nefando de o ver debater nas vascas da morte:—é maldicta!

*Materiada e putrida* cega-a a ambição, —maldiz do pae, e não vê mais adiante;—*tresloucada*—até perde os instinctos da conservação.

Tem pena do *pobresinho* e aluga-o para papel de farça e representação; e não mede as consequencias tristes, que recabem sobre quem, o faz passar.

*Lunatico, doido e internacionalista* é o chefe do partido;—que serão os seus sequazes?!

Cubra-se agora a *pandeireta* e esteja a seu gosto;—reveja-se no quadro e consinta, que lhe digamos;—que lhe fica mesmo... a matar:—é *doido*;—*hontem... não é hoje*.

Prepassam os tempos e com elles as ideias;—apaga-se a intelligencia;—enfraquece-se a memoria;—é noite escura;—extingue-se a luz, e nas trevas partem a cabeça os homens.

O que é *hontem, não é hoje*;—o mundo segue ao acaso;—a ideia do *justo* desapareceu da consciencia;—não nos podemos entender, porque as acções humanas não teem *padrão* por onde possam ser aferidas, e as palavras já não exprimem ideias:—a Babel é completa—o mundo segue ao acaso.—

A um *doido*, embora redactor de um jornal, e com assignantes de homens, que teem *juizo*—respondiam-lhe outr'ora dous ministros de Estado e alguns governadores civis.

Ao *doido* nomeava o actual juiz de direito, homem de *juizo* desta comarca, na vespera de o suspender, advogado para defesa dos réos;—e para o tornar mais *doido* ou mostrar, que tinha *juizo*, formava-lhe tres processos, qual d'elles o mais *monstruoso*!—*caridade!*

Ao *doido* prestava-se o actual administrador do concelho, homem de *juizo*, a ser editor responsavel do *Barcellense* e manda-

va-o convidar para ser advogado da camara de que era presidente, cujo cargo rejeitava por se achar em opposição com as suas ideias politicas.

Ao *doido* em dias de provação dolorosa procurava-o em sua casa o sr. Mendanha, homem de *juizo*, para o consultar e proteger na pretensão da administração do concelho;—defendia-o com os seus escriptos contra o sr. Faria Barboza, (oh tempora!—oh mores!) que tambem cubicava *esta posta*;—e em dias, mui bem mais amargorados, que aquelles, sendo já seu adversario, sahia para a rua e acalmava as massas populares, que lhe obedeciam, e de lavra sua escrevia proclamações, que eram impressas, e assignadas pelo sr. Mendanha.

Ao *doido* dirigiam-se os homens de *juizo* para elle ir a Lisboa com o fim de impedir o retalhamento da comarca, quando já perdidas todas as esperanças, o deputado de então, com os homens de *juizo*, reconheceram, que não lhe podiam obstar.

Ao *doido* nomeava o commercio desta villa para seu chefe e para dirigir os trabalhos de opposição ás leis tributarias dos *direitos do consumo*.

Ao *doido* nomeavam, no biennio passado, as camaras e os concelhos municipaes desta Villa e Espozende procurador á junta geral do districto, e a bem pesar da *montesinha* sahio eleito com todos os votos, menos um, não obstante ser opposição, como o era o actual sr. administrador do concelho!

Ao *doido* couberam-lhe os primeiros logares nas comissões, mais importantes da junta, e por essa occasião prestou gratuitamente ao seu concelho muitos e importantes serviços;—votou contra todas as gratificações, que os seus antecessores tinham creado, e trouxe para essa estrada districtal, que ahi se vê e que estava abandonada, mais de ametade da verba lançada para obras publicas!—e hoje?—até lhe tiraram dous contos de réis, já votados para a continuação da mesma estrada d'Azevedo a Prado!! *proh pudor!*

O *doido* obteve a concessão do local das *Torres*, o que não obtiveram varios presidentes das camaras, nem mesmo, como deputado o sr. administrador do concelho.

Fez mais;—obteve a compra das casas e terreno adjacentes para cortar obstaculos, que de futuro de certo se podiam dar.



Foi mais adiante; porque auxiliado pelo sr. dr. Paes, fez, que se levantasse uma planta—que a camara e conselho municipal approvasse um emprestimo, e que este e aquella fossem approvados pelo conselho de districto.

Conferenciou com o doudo uma commissão eleita pela actual camara, a qual não duvidou assignar uma representação feita por elle—facto, que, a maior parte, ainda, talvez, hoje ignore:—saiba-o agora, para que não duvidem, que os doidos tambem dirigem os homens de juizo!!

Para que mais?—o doido era e é advogado, em quanto o quizer ser, da primeira casa do paiz, e apesar e do muito pesar da montesinha, é o que é, sem que até hoje deixe de ser, o que não querem que seja.

Concluimos;—este mundo é uma bolla, que partida ao meio, fica em duas gamellas—as quaes navegam tripuladas por doidos, deixando-se os homens de juizo governar por elles!

Hontem, não é hoje;—o mundo pequenino é assim.

CUNHA OZORIO

## NOTICIARIO

**As abnegações**—Maria Joaquina Soares, a Caneia está pronunciada, se bem ou

## FOLHETIM

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Antes de responder á sua missiva, cujos dois ante-penultimos periodos me encherão de indizível pasmo, como depois lhe exporei, permitta-me que lhe noticie, a bem da industria dos Olleiros de Manhente, que se projecta fazer em Pariz no proximo outomno uma exposição de cachimbos.

Embora o barro de Manhente, por ser muito grosseiro, de modo nenhum possa competir com o de Faenza e muito menos ainda com o de Sévres com tudo, se os Olleiros de Manhente, fabricarem cachimbos, cujo pipo seja fielmente modelado pela carranca do Zina, estou convicto, que terão alli a maior sahida esses *trastinhos*, se não pelo barro, sem duvida pela exquezitice da figura, que, como o Compadre sabe, é um conjuncto hibrido, e repellente de deliniamentos de *bogio*, e dos mais pronunciados traços de feroz *hiena* com olhos de *toupeira*.

Merecendo, como espero, a sua sabia approvação esta minha patriótica lembrança, peço-lhe que a communique aos Olleiros da Manhente, que, se a executarem, podem tirar o pé do lodo, fabricando cachimbos á Zina. Se não fosse já tarde, incital-os-hia tambem a fabricar, para figurarem na exposição de Vienna d'Austria, vinagreiras fielmente modeladas pelo Zina nos trages, com que appareceu na procissão de Corpus-Christi: dizem-me que parecia um familiar do Santo Officio.

mal, não nos importa saber;—porém, o que é certo é ter ella requerido fiança com attestado de pobresa, passado nos seguintes termos pela junta de parochia da Villa: «Attestamos com juramento, que Maria Joaquina Soares, solteira de maior idade, moradora na Rua Nova, d'esta Villa é absolutamente pobre. &c. O presidente—Antonio de Lima e Miranda, Manoel Antonio Esteves e Joaquim de Sousa Neiva.»

Pretendia com este attestado, que o processo de fiança fosse gratuito, visto não ter, como não tem, com que o pague;—o que aqui sempre se praticou e é da maior justiça.

Como o requerimento era em papel branco teve o seguinte despacho:—*Requeira em papel devidamente sellado:—Botelho.*

Sellado devidamente, foi-lhe segunda vez apresentado, e voltou com este despacho:—*Admitto a supplicante a prestar a requerida fiança que arbitro em 60:000 réis. Justifique a edoneidade do fiador, sem dispensa de custas e sellos d'este incidente só util a supplicante. Barcellos 3 de Agosto de 1873. Botelho.*

Todos aqui conhecem a Caneia e a extrema pobreza em que se acha, e que para a misera pagar esta fiança lhe é preciso andar a pedir pelas portas!

Mas o *abutre* não attende a nada d'isto e só lhe fica o pesar do processo não comprehender mais réos, para mandar processar separadamente, como costuma, a cada um d'elles.

Olha, *abutre*, esta fiança, attentas as firmas do attestado, era de rigoroso dever passar-se gratuitamente, como os vossos ante-

A pár desta alegre noticia, peço-lhe, Compadre, ainda licença, para lhe dar uma bem triste, e que corrobora mais uma vez a minha decidida embirra, não só com aquellas pessoas, cujos labios de continuo manão, e destillão mel; porque quazi sempre o seu coração é uma cratera de fel, como tambem com as que, querendo tornar-se notaveis por exterioridades religiosas, são uns verdadeiros tartufos; por que não condizendo a cara com a careta, a sua vida, e acções são uma antitheze, uma contradicção do que ostentão.

Em New York (nos Estados Unidos d'America do Norte), uma mulher chamada Lamb, que quer dizer *Cordeiro*, envenenou o marido, um filho de 14 annos, uma filha de 11, um vizinho, e uma vizinha; exhumados os cadaveres, e submettidos a exame scientifico, ficou provado o crime á maior evidencia. Esta *megera* vivia com reputação de santidade!! Assistindo com a mais desvelada dedicação ás suas victimas, não só as ajudou a bem morrer, como derramou depois copiozas lagrimas sobre os seus cadaveres!

Como os Estados Unidos ainda não abolirão a pena capital, com o que mostrão o seu pouco progresso no caminho do liberalismo e da philantropia para com os grandes criminosos, em comparação a nós, que sempre somos vinho d'outra pipa, apesar de sermos libraes de fresca data, e elles desde 1776, não quero estar na pelle daquelle *manso Cordeiro*, d'aquella seraphica creatura, que, para exercer o caridozo encargo de ajudar a bem morrer o seu proximo, lhe encurtava a peregrinação neste valle de lagrimas, rociando-lhe depois o invólucro terrestre com lagrimas, se de *saudade*, se de *jubilo* por tel-o visto transpor os umbraes da eternidade, e couza, que só ella pode

cessores costumavam faser; mas entendeis, que vos deveis locupletar por todas as formas;—fazeis muito bem; mas tende em vista, que estas coisas se não desencadeiem, porque se ha por ahí alguma coisa—ah! de vós!—sabeis o que aconteceu ao Pitta Besserra no Porto? a sorte, que vos espera, não pode ser melhor.

**Sempre contradictorios**—Diz a Lei da Desordem (maldita Lei) que o redactor do *Barcellense* não tem leira, nem beira nem ramo de figueira, mesmo onde catha morto!—pois não tinha dito e affiançado, que o tal *machacaz* estava de posse e disfructando uma herança de um absente?—e que para a disfructar tinha emprestado ou dado os ricos moveis da dita herança ao ex-delegado Nunes Pousão?—sempre contradictorios;—conservem por algum tempo, firmeza de caracter para que o publico os não tenha como *trapalhões e indecentes*.

**As partilhas**—Fallaremos sobre este objecto para mostrar até onde chega a *immundicie* da Lei da Desordem!—sempre os mesmos homens—calumniadores encartados, fazendo insinuações quando somos todos conhecidos!—não pegam, e oxalá que vós vos podesseis defender como o podem fazer os redactores do *Barcellense*!—a vida corre limpida e serena e é por isso que não tem nem podem ostentar riquezas.

**As vidas privadas**—Despediu-se o editor responsavel da Lei da Desordem, e serviu-lhe de pretexto a continua guerra que se fazia aos mortos e ás vidas privadas, de maneira, que o homem do povo já se não quer associar aos desregramentos que partem da auctoridade.

A nossa lingua e penna, sobre estes objectos tem sido constantemente sagrada, não obs-

dizer, visto não ser licito devassar o foro intimo de sua consciencia; circumstancia, a que ella se pode soccorrer, se por lá houver quem interprete o Codigo penal com a mesma *aguda* hermeneutica, com que ahí interpretão o nosso Codigo, classificando como tentativa de burla a tentativa de furto fraudulento.

Lendo os dois ante-penultimos periodos da sua estimada missiva, nenhuma, absolutamente nenhuma, admiração me cauzou, que fosse julgada improcedente pelo improbo Zina a que-rela intentada contra o heroe *Beleta ex-Cavado*, attentas as escandalosissimas circumstancias, que meu bom Compadre refere, e toda essa villa sabe, e vitu: cauzaria admiração immensa, se Zina, ou se tivesse dado, como devia, de suspeito, ou houvesse praticado um acto de recta e imparcial justiça.

Cauzou-me sim a maior admiração, e pasmo o mais extraordinario a noticia, que me dá, de que essa *gentileza* fosse classificada tentativa de burla, e não do furto fraudulento, isto é, tentativa de subtrahir *fraudulentamente* uma cousa, que lhe não pertencia (art.º 421 do Codigo Penal, e § 2.º do mesmo). Sempre ha *linceas*, Compadre, de vista tão penetrante; *aguas* que se elevão a essas incommensuraveis regiões celestes; e talentos tão transeendentes, que são capazes de verem um argueiro na China, de voarem muito acima do planeta Uranus, e de descobrirem mel, ou azeite, onde os demais nem humidade encontrão! Ah! quanto não dera eu para que uma pequena centelha do fogo, que illumina esses entes privilegiados, se destacasse delles, e me viesse illuminar, por isso que, por mais que sue o topele, não posso entender semelhante classificação: são misterios de *Eleuzis*, que um profano, como eu, não pode penetrar! Paciencia: resigno-



tante da auctoridade, que deve partir a cordura, termos sido constantemente provocados.

A nossa familia tem constantemente gemido nos prelos da imprensa licenciada do sr. administrador do concelho e nem as cinzas dos mortos escapam á avidez de insultar á falta d'outros argumentos.

Ainda que isto prova demais a nosso favor, sempre perguntamos ao sr. administrador do concelho, a cargo de quem está a *depravada* se entende que nós podemos entrar *na vida privada ou no interior da familia*:—se assim o entender, responda-nos, que lhe satisfaremos a vontade.

Quem desacredita a auctoridade e lhe tira a força e prestigio não é o *Barcellense*, é jornal da *immundicie*, que leva tudo adiante de si!— não se queixem, pedimos-lhe isso por favor!

**O sapateiro e o candidato a Deputado**—Aconteceu em Inglaterra um caso bem galante entre um Mestre Sapateiro, e certo Cavalheiro que aspirava a ser Deputado no Parlamento.—Entrou este com um ar muito fagueiro na loja do Sapateiro, o qual, com um modo mui pouco civil, lhe perguntou: «Então que negocio temos!» A esta pergunta, respondeu mui humildemente o candidato: Eu vinha pedir-lhe, meu caro amigo, um pequeno favor, que espero me faça: falta-me só um voto para ser eleito Deputado, assim se vnc.<sup>o</sup> me quizesse dar o seu, far-me-ia nisso um serviço pelo qual lhe ficaria eternamente agradecido.—Óh, pois este é que é o negocio, respondeo o Sapateiro, mudando de tom: ora, sente-se v. s.<sup>a</sup> ao pé de mim; aqui tem uma tripeça, e vamos politicar um pouco para eu cá fazer a minha idéa a respeito da sua capacidade..... v. s.<sup>a</sup> provavelmente ha de gostar de cerveja, não é assim? Pois aqui está meia canada della que eu já ence-

tei, e agora acaba-la-bemos de mais:—vamos a isto, meu camarada, lá vai um copo, ande, beba á minha saude, que eu lhe faço a razão.—Que duvida ha nisso replicou o Candidato: e começou a beber, juntamente com o Sapateiro, mas fazendo-lhe cara—O meu amigo tambem ha de fumar! perguntou o Sapateiro, accrescentando: porque eu cá não posso passar sem a minha fumaça sobre a cerveja.

Sim, senhor, respondeo o Cavalheiro, tomando o cigarro da mão do Mestre Sapateiro... «Depois disto, começou o doutor de tripeça a fallar em politica com o seu pertendente, o qual o escutava attenta e submissamente, dizendo a tudo que sim, e dando muita razão ás «sabias» reflexões do sr. Mestre Sapateiro.—Este porém que nunca teve outras vistas senão escarnecer do Candidato, quando lhe pareceo que a dóze de mangação já não era má, o despedio sem mais cerimonia, dizendo-lhe: Ora sr. F. vá com Deos, e não conte com o meu voto; pois eu sei fazer delle o devido apreço para o não empregar n'um homem que tão pouco se sabe dar ao respeito, e que pretende elevar-se fazendo baixezas.

**O fanfarrão e o poeta**—Tendo certo fanfarrão levado uma grande sova de pão, encontrou um poeta que tinha feito uma satyra contra elle, e lhe disse que lhe havia de dar cem páoladas—Isso, respondeo o poeta, ser-lhe-ha mui facil, pois ainda não ha quatro dias que vnc.<sup>o</sup> as recebeu.

**Resposta de um careuada a um italiano que o queria metter a bulha**—Um sujeito, muito careuada por detrás, foi cumprimentado á entrada de certa cidade de Italia, por um individuo que lhe perguntou porque razão trazia elle a sua malla

adiante de si, e não a traz: *Em terra de ratoneiros*, respondeo o careuada, *é assim que se deve andar.*

**Franqueza de um Magistrado**—Um Magistrado muito idoso, tendo perdido o fio do seu discurso, disse ao seu auditorio, sem se pertubar: Meus Senhores, comparo a minha memoria a um criado muito antigo que já está cançado de me servir; advertindo porém que pregando-me ella agora esta peça fez-vos um grande serviço, pois vos poupou o incommodo de me ouvirdes.

**Resposta de um gracioso a um barbeiro**—Certo individuo a quem máo barbeiro tinha feito a barba, e perguntado a final se estava á sua vontade, respondeo-lhe: *Olhe, Mestre, se isso se chama barbear, declaro que me levou couro e cabelo: porém se vnc.<sup>o</sup> pertendeo esfolar-me, então devo confessar que esfola com muita delicadeza.*

**A mania de mentir**—Certo criado costumava, quando seu amo o mandava a algum recado, demorar-se horas esquecidas, e se este ralhava com elle por tal motivo, sempre dava a desculpa de que tinha achado muita gente aonde quer que havia ido, por exemplo, se era ao açougue, dizia que estava cheio até á porta; se ao chafariz, que estavam lá muitos criados á espera da vez, etc. etc.—Um dia que o amo lhe ordenou que fosse deitar um gato ao mar, sahio o criado ás quatro horas da tarde, porém não appareceo em casa senão depois da meia noite. Aonde estiveste até agora? pedaço de mariola, lhe perguntou o amo muito encolerizado.—Aonde estive? *Senhor meu amo,* respondeo o criado com muito descaramento, *estive no caes, pois havia lá tanta gente a deitar gatos ao mar que só agora me chegou a minha vez.*

me com a minha sorte, e só me cumpre passar. *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, que succiit.* Am.n.

Compadre, tenho ouvido ás pessoas mais competentes na materia acoimarem de deficiente, e mui imperfeito o nosso Codigo penal: confrontado com o *Francez*, quasi se fica convencido, de que, *mutatis mutandis*, o nosso é uma cópia deste, não sei se com esta asserção irrogo offensa a quem o organisou, e para mais a confirmar, ver-se-ha, que no Codigo *Francez* ha a mesma omissão, que ha no nosso, quanto a dever ser considerada crime a tentativa de burla: omissão essa, que depois foi reparada pela *Lei Franceza* de 28 d Abril de 1832, que statue, *que toda a tentativa de crime, manifestada por actos exteriores, e seguida de começo de execussão, se tiver sido suspensa, ou deixado de ser levada a effeito por circunstancias fortuitas, ou independentes da vontade do auctor, é considerada como o mesmo crime.*

Era capaz de apostar, que os autores do nosso Codigo penal não tiveram conhecimento deste artigo da *Lei Franceza*, aliás terião corrigido a omissão da tentativa de burla, que ha no nosso.

Tinha muito que dizer para impugnar a classificação, que, consta, lizerão de tentativa de burla e não de furto á *gentileza* do *ex-Cavado da Beleta*: fique isso para quando o Compadre me noticiar o conteudo na promoção do hobre Delegado, e os fundamentos da sentença do fôna *Zina*.

Por comprazer unicamente, convenio, que fosse tentativa de burla. Não manda a Lei, que, quando os nossos Codigos, as nossas Leis sejam deficientes, ou omissas a qualquer respeito, se recorra á legislação analogá das

Nações mais cultas? Manda, e se o não manda, é essa a praxe seguida. Por que então se não recorreu á *Lei Franceza*, que acima apontou, visto que no nosso Codigo penal ha uma omissão tão grave, uma lacuna tão prejudicial á sociedade, deixando de considerar crime a tentativa de burla; mallograda por circunstancias independentes do burlão?

Que necessidade havia de recorrer á legislação estrangeira quando, como reparador da omissão, que se invocou para alliviar de culpa e pena *Beletu ex-Cavado*, comparsa, e intimo do juiz de direito, no mesmo Codigo penal ha o art.<sup>o</sup> 7, que em theze considera punivel toda a tentativa de crime; e como subsidiario o art.<sup>o</sup> 421, e respectivo § 2.<sup>o</sup>? Que outra couza é a burla, senão um furto industriozo e fraudulento acompanhado de certas circunstancias? Deve acaso ficar impune um crime, só porque a lei é omissa, ou pouco clara a respeito?

Se, Compadre, piamente não considerasse, como me compraz considerar, estas *subtilezas*, e *argucias* uns arroubamentos de engenho e talento transcendentes, a quem um verne litterario, como eu sou, só cumpre admirar, era capaz de jurar, que se quiz com ellas *burlar* ou a Lei, ou o bom senso publico, ou ambas as couzas.

*Quem torto nasce tarde ou nunca se endireita*, diz o dictado; e é assim: cada annex dos nossos maiores é um pequeno evangelho, cuja verdade a experiencia diaria confirma.

O lunatico e mazorral *Zina* é incapaz de se corrigir, ha de ser sempre *Zina*, ha de praticar sempre *zinadas*; porque é, que o carvalho em lugar de bugalhos não dá azeitona, ou figos, ou o tojo em lugar de agudos espinhos não dá flores odoríferas, ou saborozos fructos? Pela

mesma razão porque o *Zina*, ainda que não queira, ha de ser sempre brutalmente petulante, malcriado e insolente.

Consta por aqui, Compadre, que esse hisborria insultara não só a desgraça e a miseria, dirigindo chufas e remoques a uma infeliz mulher, que com os filhos assistia ao julgamento de seu marido; como tambem o digno Advogado desse réo, pondo em duvida, ou antes tentando fazer crer aos jurados, que o mesmo Advogado não tomára o patrocínio e defeza desse réo gratuitamente, e por pura compaixão como havia allegado, mas sim com vistas de interesse.....

Passou pela vergonha, não, que é fraste, que nunca possuia, mas pelo dezar de ver objurgada em publica audiencia, e em termos expressivos a sua deshumanidade para com os desgraçados, a quem insultára; e desmentida a torpe insinuação ao desinteresse, e abnegação do Advogado. Em ambas as occasiões ficou o basbaque com cara mesmo de basbaque, nem tussiu, nem mugiu, que é o sestro nunca desmentido dos cobardes, e insolentes.

Compadre, recomendo-lhe a leitura dos 3 primeiros periodos do artigo de fundo do *Jornal do Porto* n.<sup>o</sup> 163 de 23 de julho ultimo; opportunamente lh'os transcreverei. Parece que quem escreveu esse artigo tem pleno e cabal conhecimento do *Munel Zé Zina*, juiz de direito desta infeliz comarca; porque tudo o que n'esses 3 periodos diz se refere a elle; tudo lhe assenta como..... como albarda em lombo de burro.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU FORTULHO



**O mez de Agosto**—Parece que o nome d'este mez deriva de «Augustos,» a quem foi dedicada pelo senado romano, da mesma forma, que o mez de junho fôra consagrado a Julio Cesar. O signo é a «virgem,» que se representa sob a figura de uma mulher seminua, com uma espiga de trigo na mão, annunciando o tempo da colheita.

Ceres era a divindade tutelar d'este mez. Tambem se symbolisa o Agosto na figura de um homem nu, com uma souce em uma das mãos e um punhado de espigas de trigo na outra. Tem 31 dias, que vão diminuindo 32 muitos de manhã e 32 de tarde. O dia maior é o primeiro, que tem 14 horas.

E' o mez mais quente do anno, ainda que os antigos diziam, primeiro de Agosto, primeiro de inverno, porque o sol vae descendo muito, e de ordinario, é n'este mez que começam as chuvas chamadas pelos homens do campo, as primeiras aguas. Como n'esta epocha do anno é muito activo o trabalho das colheitas, e abundam muito os fructos, para todas as classes de povo, este mez é de festas e de prazer, e são «a gosto,» como o nome indica.

Os gregos e romanos celebravam em Agosto grandes festas. Os jogos neméos, instituidos por Hercules, e eram muito populares na Grecia. Em Roma faziam-se com grande pompa as festas de Marte, de Ceres, do sol, dos escravos, dos caçadores e muitas outras.

O curioso phenomeno das estrellas cadentes é muito frequente n'este mez. Tambem succederam em Agosto alguns factos memoraveis da historia portugueza sendo os mais notaveis os seguintes: infeliz batalha de Alcacer-kibir a 4 de 1578; heroica victoria da Villa da Praia, na ilha Terceira, a 11 de 1829; gloriosa batalha de Aljubarrota a 14 de 1385; conquista de Ceuta a 21 de 1415; batalha do Vimiero a 21 de 1808; revolução liberal no Porto a 24 de 1820; victoria do duque de Alva sobre o Prior do Crato, a 25 de 1580.

Dizem os astrologos, que os homens nascidos n'este mez são sinceros, honrados, generosos e amigos de honras e riquezas, de bom genio e boas inclinações, e sempre sollicitos em servir os seus amigos. As mulheres serão castas e honestas, timidas, previdentes, espirituosas e caritativas. Casam-se cedo, e serão boas mães e excellentes esposas. Expostas a grandes perigos, saberão prevel-os e frustral-os.

## LITTERATURA.

(A pedido)

**Offercido ao meu amigo G...**

### A traição

Na primavera opprimem-se os perfumes?  
Já não tenho esperança d'um coração!  
É bem triste o meu viver nesta vida,  
Como é triste p'ra mim a solidão.

Já do bosque não amo a linda sombra,  
Nem do prado o suave meigo frescor  
P'ra mim na terra é só tristeza  
O meu tudo nesta vida é minha dôr.

Erguendo as mãos aos céus diz-me o infinito!  
Que seus votos depressa ella esqueceu,  
Um sonho para mim foi a ventura,  
O amor bem depressa o desbaneceu!

Fugirão n'um instante os meus prazeres,  
P'ra o abysmo em que tropeça desfeito em pó.  
Illudido pencei gozar mil venturas...  
Sahir como ave ligeira a escada de Jacob.

A ventura que tenho são meus prantos  
E a grata sombra—é minha dôr,  
Meu baixel atravessa um mar d'estrellas  
Tudo é pranto p'ra mim em vez d'amor

Dos meus annos no verdor sempre illudido!  
Desditozo hoje—mas já fui feliz!  
D'esperanças vivo só neste mundo,  
Ai do triste que amou—foi infeliz!

Já mais deste peito terá compaixão  
Mulher que ao meu amor quiz ser perjura  
O meu viver na terra será a tristeza  
A vida e nuvem que passa—pouco dura

Diz-me tu agora que a mulher é um anjo!  
Como canta o Poeta em lyra d'ouro  
Que eu direi que é um letthal veneno!  
E só a virgem do ceu—o melhor Thezouro!..

Barcellinbõs 2 de Agosto de 1873

## ANNUNCIOS

### VENDE-SE



Uma morada de casas com bom quintal e arvores de fruta, e mobilia, sitas em Fão. Quem as pertender falle na mesma casa com a viuva do fallecido Joaquim Borda na rua das Pedreiras.

### ALUGA-SE

Do 1.º de Setembro em diante a caza da rua da Estrada, onde está o Collegio de S. José; tem muitos commodos e grande quintal.

### UM NOVO VOLUME

Vai ser impressa, em volume avulso, a 1.ª serie das interessantes cartas de *Simplicio de Arruda a Nicolau Turtulho*, e vice versa: quem quizer subscrever essa publicação, sirva-se mandal-o declarar n'esta typographia.

Como a materia para as mesmas já vai escaccando, por isso que o sr. juiz de

direito, *Manoel José Botelho*, vulgo o *Zina*, se tem tornado mais cauteloso nas *Zinadas e Zinices*, roga-se ás pessoas, que tem sido victimas d'ellas, ou que tenham verdadeiro conhecimento de algumas, que se sirvão expol-as em carta fechada, e remettida a esta redacção, na certeza, de que será guardado o mais inviolavel segredo, com o que farão um bom serviço á Cauza Publica.

## MACHINAS DE COSTURA

DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Carvalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e algnões de cores proprias para as mesmas. Preço commodo. Ensino Gratis.

## PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

**Empresa portuense de navegação a vapor**

Entre Portugal e a Costa do Brazil

Para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, com escala para S. Vicente

**Vapores portuguezes**



Espera-se brevemente o novo e magnifico vapor de 1.ª classe (a 100 no lloyds)

**JULIO DINIZ**

Commandante—J. J. RODRIGUES CONTENTE

**Sahirá deste porto para os portos acima, impreterivelmente, no dia 26 de julho**

Este vapor construido nas melhores condições, com especialidade para poder entrar e sahir a barra d'este porto, offerece, além das excellentes commodidades para os snrs. passageiros de todas as classes, a vantagem de sahirem d'aqui directamente para os portos acima mencionados, evitando-lhes o incommodo de irem a Lisboa e de fazerem a menor despeza.

A comida será abundante e variada, feita por cozinheiros portuguezes, servindo-se vinho de meza, escolhido no Douro, aos passageiros de todas as classes, sem augmento dos preços das passagens.

Os passageiros de 3.ª classe tem cama, roupas, louças e utensillios de meza.

Para mais esclarecimentos, assim como para carga e passageiros, dirigir-se ao escriptorio da gerencia. Rua dos Ingleses n.º 42, ou ao Agente nesta villa—João Antonio da Costa Guimarães.

## RESPONSAVEL

*José Joaquim Lopes da Silva*

BARCELLOS:—Typ. do **Barcellense**

CAMPO DA LOUÇA N.º 11.